

**Representação e participação da mulher no jornalismo regional:
Ribeirão Preto e São José do Rio Preto (1950-1960)¹**

Nayara KOBORI²

Aline Ferreira PÁDUA³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

Resumo

O presente trabalho tem como proposta discutir como se dava a representação do feminino e a participação das mulheres no jornalismo local, especialmente nas cidades de Ribeirão Preto-SP e São José do Rio Preto-SP. Para tanto, escolhemos o período em que se consolidavam os novos modelos de organização e estruturação da imprensa, tendo a influência norte-americana e evidenciando os princípios de modernidade presentes na época. É necessário levar em conta as características singulares do jornalismo regional, e como se dava a relação do interior com a grande imprensa, para, dessa forma, discutir o papel da mulher nas redações e a construção do que seria o “feminino” nas páginas dos jornais. A análise partirá da leitura de dois jornais representativos dos municípios escolhidos, sendo o “Diário de Notícias” (DN), de Ribeirão Preto, e o “A Notícia” (AN), de São José do Rio Preto.

Palavras-chave: Mulheres; Imprensa; Representação; Jornalismo; Jornalismo Regional.

Introdução

Este estudo nasceu como desdobramento das pesquisas de mestrado realizadas pelas autoras, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)⁴, sobre as considerações do jornalismo regional, em face das mudanças sofridas pela imprensa nos anos de 1950 e 1960. Apesar de serem trabalhos independentes, as discussões se convergem no sentido de compreender como se dava as práticas do jornalismo do interior, bem como o desenvolvimento dos impressos locais, levando em conta os aspectos políticos, sociais e culturais que envolviam jornalismo e sociedade. As pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Política, do PENSACOM BRASIL 2016.

² Mestranda do Programa de Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da UNESP, email: nayarakobori@gmail.com.

³ Jornalista e mestre em Comunicação Midiática pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), da UNESP. E-mail: aline_ferreira_padua@hotmail.com.

⁴ Processos Fapesp: 2014/05700-3, 2015/20087-9, 2015/12364-2.

Comunicação Midiática da UNESP, “A Notícia”: “um retrato do jornalismo rio-pretense nos anos de 1950”, concluída em 2016, pela mestre Aline Ferreira Pádua, e “A voz da Igreja no “Diário de Notícias”: Ribeirão Preto – 1961-1967”, pela mestrande Nayara Kobori, convergem no sentido de dar um “corpo” ao que chamamos de jornalismo regional e, contribuir para descentralizar a História da Imprensa das capitais do sudeste, especialmente, Rio de Janeiro e São Paulo.

Além disso, percebeu-se o diálogo em diversas vertentes da pesquisa, principalmente, a que diz respeito à representação e participação feminina no jornalismo do interior. Vimos, portanto, a necessidade de analisar a questão na ótica dos apontamentos teóricos da imprensa regional, e traduzir nossas análises com o olhar voltado para o lugar das mulheres nas práticas jornalísticas locais. Para tanto, foi necessário mergulhar nossas reflexões sobre estudos que tratam de gênero, imprensa e história, dentro do desenvolvimento da comunicação brasileira. Pretendemos, desse modo, contribuir para o que Silveirinha (2012) chamou de “não-ossificação” da História do Jornalismo; ou seja, dar notoriedade à atores da narrativa histórica que, muitas vezes, são deixados de lado e, assim, ampliar os debates acerca do fenômeno social.

Nos chama atenção o ano de 1950, estendendo até 1960, pelo desenvolvimento econômico e social que acompanhava o Brasil – e que também refletiu no segmento jornalístico. De acordo com Ribeiro (2007), foi nesse período em que se consolidou os novos modelos de jornalismo, influenciados pelos norte-americanos, com a introdução do *lead*, pirâmide invertida e priorização da objetividade e neutralidade nos textos. O ideal de modernidade ganhou as páginas dos impressos, fato que também repercutiu na forma de participação e representação feminina nas redações. Partimos, portanto, da análise das matérias e quadros jornalísticos voltados e/ou produzidos por mulheres no “Diário de Notícias”, de Ribeirão Preto-SP, e no “A Notícia”, de São José do Rio Preto-SP, nas décadas destacadas, pontuando a forma na qual essas publicações lidaram com a questão feminina, em vias da época.

Breve relato da representação e participação feminina na imprensa

A discussão em torno do lugar da mulher no processo histórico de construção do jornalismo tem tido um crescimento nos últimos anos, sobretudo, pelo avanço de reflexões sobre a questão de gênero. Mesmo assim, caminhamos em passos lentos, que aos poucos dão voz a todas as mulheres que participaram (e participam) ativamente das práticas jornalísticas. A historiografia em torno da imprensa e do jornalismo, segundo Silveirinha (2012), destaca o fazer jornalístico como invenção masculina, não citando a participação feminina em seus processos de desenvolvimento. A história da profissão, bem como seus relatos, aparece, assim, como reflexo da experiência masculina (COVERT, 1981). Todavia, as mulheres sempre se fizeram presente – de modo mais ou menos invisível – no desenvolvimento dos jornais.

Claro que, há relatos de participação feminina em muitos jornais da imprensa brasileira, já no período oitocentista, onde buscavam espaço para que suas ideias pudessem entrar no jogo das disputas simbólicas, mas prevalecia a ideia da dominação masculina (CASADEI, 2011). Buitoni (2009), em seu livro “Mulher de Papel”, mostra que na primeira metade do século XIX surgiam impressos voltados para as mulheres, desafiando o alto grau de analfabetismo da sociedade brasileira, além da própria estrutura dominante masculina. Importante ressaltar que apesar do caráter revolucionário, essa imprensa era produto da elite, já que apenas os membros da burguesia sabiam ler e escrever na época (BUITONI, 1986, p. 28). Muzart (2003) aponta que a participação das mulheres em periódicos do século XIX partiu da necessidade de conquista de direitos, seja ao voto, à educação ou trabalho; já que a mulher era orientada apenas para o casamento e família. É nesse momento que nascem as primeiras publicações feministas, como “Jornal das Senhoras” (1855), “O Sexo Feminino” (1873), e “A Família” (1888). Contudo, esses jornais tiveram vida efêmera e suas redatoras permaneciam no anonimato, com medo de represálias (CASADEI, 2011).

Apesar disso, a imprensa dita “convencional” torcia o nariz para a participação feminina, deixando claro que a prioridade das mulheres era cuidar do “lar e da família”. Recordamos Ribeiro (1988), durante muito tempo o mercado jornalístico – com exceção das publicações femininas ditas anteriormente - foi ocupado por homens e que as mulheres ocupavam cargos de telefonista, faxineira, recepcionista, ou faziam o café na

redação, mas poucas como jornalistas ganharam espaço de uma forma mais rápida nos jornais. A situação irá começar a se modificar em 1930, quando o público feminino passou a ser visto como potencial consumidor de impressos e das propagandas, por isso, havia a necessidade de estratégias para agradar esse grupo (FRANÇA, 2013). A “imprensa feminina” irá se consolidar com as revistas segmentadas para esse público, que funcionou como uma espécie de feminização do jornalismo. Nas palavras de Buitoni (1986, p. 17), o “lazer e um certo luxo foram-se associando a ideia de revista no século XX. E a imprensa feminina elegeu a revista como seu veículo por excelência”.

Mesmo assim, de acordo com Rocha (2011), os quadros e revistas para mulheres eram, muitas vezes, escritos por homens, sendo que em 1939, temos o registro de apenas 2,8% jornalistas do gênero feminino atuando na capital. Em 1950, esse número passou a ser de 7%, chegando a 10% em 1970 (ROCHA, 2011). Para Casadei (2011), a efetiva participação das mulheres será a partir dos anos de 1986, quando passaram a ocupar 36% do quadro de jornalistas no país, cenário que seria reforçado em 2006, demonstrando uma tendência a maioria feminina no jornalismo, com 52% dos cargos ocupados.

Nos conta Santos & Pegoraro (2013), que em 1950 o trabalho feminino começava a ganhar espaço, mas não era visto com bons olhos pela sociedade – muito pelo contrário: por vezes, as mulheres eram acusadas como responsáveis pela desestruturação familiar. Continuam as pesquisadoras, que o argumento utilizado era de que a mulher deveria cuidar “para que o marido estivesse sempre apresentável e que a educação dos filhos seguisse a moral e os bons costumes” (SANTOS & PEGORARO, 2013, p. 286), por isso, se ela estiver trabalhando fora de casa, todos os problemas da família seriam culpa dela. A imprensa, por sua vez, compartilhava desses valores sociais pré-estabelecidos. Segundo Correa (2008), as revistas femininas e as matérias jornalísticas para mulheres da época tinham como principal temática a moda, beleza, como cuidar da casa e dos filhos, trabalhos manuais e culinários, e pouquíssimo espaço para matérias de interesse geral (como política, economia, etc.).

O discurso jornalístico estampado nas revistas daquele período produzia sentido a respeito de determinados modelos de mulher. Dá para se falar na criação de

uma espécie de disciplina corporal feminina, já que o convencimento passava pela argumentação de que, para ser aceita ou se enquadrar nos parâmetros sociais e morais vigentes, era necessário comprar, consumir, se comportar ou ser da forma apresentada pelos diversos meios de comunicação vigentes. Ela estava em constante observação e pressão para ser aceita, seja no seio familiar, seja em âmbito social (SANTOS & PEGORARO, 2013).

O vínculo entre imprensa e consumo no universo feminino torna-se cada vez mais intenso. Para Buitoni (1986), o fato deu-se pelo crescimento das indústrias relacionadas à mulher, como moda e casa, ao fortalecimento do mercado interno brasileiro no período e a relativa ampliação da classe média. Em 1960, textos que tratavam sobre sexo começaram a ser introduzidos nas páginas dos impressos femininos ou quadros voltados para as mulheres em jornais convencionais, embora com relutância e sendo censurado, muitas vezes (BUITONI, 1986).

Os temas giravam basicamente em assuntos sobre moda, como cuidar da casa e do marido, contos românticos (destaque para as fotonovelas), culinária e literatura. O que é importante notar é que os veículos de comunicação construía certa “estética” feminina: o que usar, como se portar, como se vestir, o que se alimentar, como criar os filhos... Enquadrando as mulheres em uma estrutura social imposta, onde o “modelo” feminino adequado é aquele aceito por um universo majoritariamente masculino. É o que discorre Buitoni, ao rebater que “como se vestir, como preparar sopa de cebolas, como conseguir um emprego, como ser boa mãe, tudo é receita. Onde há opção? Onde há discussão?” (BUITONI, 1986, p. 76).

A mulher no “Diário de Notícias”

Quando tratamos do estudo de um objeto em particular, devemos levar em consideração as singularidades que o cercam e, conseqüentemente, atuam na composição de seu conteúdo. No caso, tratamos de periódicos regionais específicos, envolvendo questões de proximidade, localidade e características que cercam a prática jornalística do interior. Por questões práticas, o presente artigo não tem a pretensão de

aprofundar-se sobre o assunto, mas sim, trazer apontamentos, de forma mais ou menos resumida, que permita compreender os fenômenos que envolvem o jornalismo regional.

Segundo Camponez (2002), a imprensa conhecida como local, regional, do interior ou de proximidade centra o seu compromisso com o território geograficamente localizado, e com as pessoas que ali habitam. Nesse mesmo sentido, Lopes *et al.* (1998) completa que o morador encontrará nos diários locais as informações que interessam para o seu dia-a-dia, em uma linguagem acessível e particular. O leitor necessita de um órgão que reflita seus costumes, seus ideais, criando, assim, laços de identidade (BELTRÃO, 2013). Independentemente da posição editorial adotada, os jornais do interior informam os interesses próximos dos leitores, dando garantias de um processo de natural identificação com o receptor (LOPES et al., 1998). A proximidade com o público, o espaço disponibilizado para abordar questões locais e regionais e o papel de fiscalizador da coisa pública atribuem ao jornalismo regional relevância suficiente para ser objeto de estudo científico tão importante quanto o de massas e a imprensa das grandes capitais (COLUSSI, 2005).

Diante desses apontamentos, temos o “Diário de Notícias” (DN), de Ribeirão Preto-SP, que apresenta como exemplo de imprensa regional. Fundado em 1 de junho de 1928 por José da Silva Lisboa, em parceria com Osório Camargo, o matutino tinha uma produção basicamente artesanal, em moldes do jornalismo francês e era palco de disputas políticas da burguesia da região. No ano de 1933, a direção do DN passou para as mãos de Orestes Lopes de Camargo que ampliou e investiu em seu parque gráfico (FRANÇA, 2013). Nos anos de 1940, o periódico foi vendido para a Arquidiocese Católica do município, chegando a uma tiragem de 8.500 exemplares, e sendo um dos grandes jornais que circulavam na região (SANT’ANA, 2010). Em 1964, logo após o golpe civil-militar brasileiro, o matutino foi fechado por ter aproximações com a Doutrina Social Cristã e a Teologia da Libertação, na figura de seu novo diretor, o Pe. Celso Ibson Sylos, que foi preso pela polícia política da época. Voltou a circular alguns

meses depois, tendo um direcionamento mais brando, mas acabou morrendo nos anos de 1980, devido à falta de publicidade e assinantes⁵.

França (2013) afirma que já em 1930, o jornal começa a ilustrar a participação feminina na sociedade em suas páginas, demonstrando que a imprensa estava atenta aos debates acerca dos novos espaços de sociabilidade. Como exemplo, temos as crônicas de Onésio da Motta Cortez, “Reivindicações Femininas”, em que o autor se colocava em prol das mulheres no ambiente de trabalho e na política, mas se opunha ao divórcio ou àquelas que desejavam se separar do marido, por ser algo que prejudicaria a união familiar (FRANÇA, 2013, p. 93).

O tema do divórcio era uma constante na folha. Visto que na década de 1960, separar-se do marido era considerado ultrajante, já que as mulheres eram as responsáveis por manter a família, nos anos que se seguiram a direção da Igreja Católica, o argumento também se fundava nas questões religiosas⁶. Não apenas por valores sociais, as mulheres da época também deviam guiar-se pelos princípios cristãos, já que a sociedade moderna colocava em dúvida as questões morais, e por isso o próprio Papa “João XXIII fez um apelo às moças católicas para que se proponham como exemplo de uma fé viva, a informar qualquer um que apelar para a esperança, que sempre deve estar nas dignas filhas de Deus”⁷.

Na coluna “A Mulher no Lar e na Sociedade” aparece a assinatura da Profa. Rosa Maria de Britto Cosenza, demonstrando a participação feminina em um jornal local. Apesar de serem poucos os registros de mulheres trabalhando em redações jornalísticas de Ribeirão Preto, a presença de pelo menos uma responsável por uma

⁵ São controvérsias as bibliografias sobre o fechamento do “Diário de Notícias”. De acordo com os dados obtidos na Biblioteca da Faculdade de Teologia e Filosofia de Ribeirão Preto, onde estão localizados os exemplares do DN, antes de anunciar o seu fechamento, o jornal foi vendido para a Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), para então decretar a sua morte por falta de verba. Entretanto, visto que o jornal sofreu perseguição nos anos de endurecimento da Ditadura Militar, pode-se inferir sobre os motivos que levaram o periódico a fechar as portas. Porém, há falta de estudos aprofundados sobre o assunto, que nos deixa uma lacuna a ser preenchida na História do Jornalismo da cidade.

⁶ O divórcio só seria aprovado no Brasil em 1977, pelo Presidente ditador Ernesto Geisel e, portanto, a década de 1960 apareceu recheada de textos e editoriais que discutiam o assunto e condenavam a sua legalização (que já estava em discussão na sociedade).

⁷ SEM AUTOR. Convocação Oportuna. **Diário de Notícias**. Coluna Nosso Comentário. Ribeirão Preto. 18 de julho de 1961.

coluna⁸, já denota certa abertura do DN para a questão da mulher. Apesar disso, os textos instruíam pedagogicamente as mulheres a se encaixarem no padrão social do “feminino”, sendo donas-de-casa, delicadas, mães e amorosas. No texto “Não se aproveite demais de suas virtudes”, a professora elenca várias formas de se manter “perfeita”, como por exemplo, “seja afetuosa, seja maternal, seja providente, seja cuidadosa dona de casa, conserve-se jovem, seja franca, tenha o senso da família”⁹, etc. Em suas colunas, o DN também orientava as mulheres como bordar, como se vestir e incentivava a procura de empregos fora de casa. Importante notar que apesar do serviço assalariado, o jornal não deixava de cobrar a realização de tarefas “tipicamente femininas”, como cuidar da casa, do marido e dos filhos, visto que as mulheres eram as grandes responsáveis por manter a “ordem” no lar.

O “Diário de Notícias” vivia assim uma dualidade na idealização feminina, ora pregava a liberdade às leitoras, ora reforçava a atuação delas deveria acontecer especialmente na esfera do lar. Se no decálogo das mulheres modernas as leitoras tinham certa autonomia, no das mulheres casadas recomendava-se fundamental que as companheiras amassem os maridos e permitissem a liberdade deles. Para tanto, ainda deveriam conservar uma boa aparência, evitar palavras ásperas, buscar sempre ser gentis e meigas. Ensinava, desta forma, que não eram apenas as qualidades culinárias que iriam segurar o matrimônio e sim a observação da lista de preceitos que tornaria feliz a vida conjugal. No mais, o impresso transmitia uma educação baseada na boa etiqueta, a qual as mulheres deveriam observar cotidianamente (FRANÇA, 2013, p. 125-126).

Além disso, o jornal construía discursos normativos para definir o comportamento das mulheres, de uma forma “socialmente aceita”. Na coluna “Para você, leitora amiga”, o DN trazia ensinamentos de como manter a beleza, referências de como ter e manter corpo ideal (que deveria ser magro) e como se maquiar, orientando a

⁸ A coluna “A Mulher no Lar e na Sociedade” ocupava uma página inteira do jornal. Ela apareceu pela primeira vez em 1962, mas não era diária. Com o passar dos anos e as constantes perseguições do jornal, a coluna foi deixando de existir. Mas, não desapareceram textos voltados para as mulheres ou temáticas que tratavam sobre mulheres (como divórcio, dicas de beleza, cozinha e comportamento).

⁹ COSENZA, R. M. B. Não se aproveite demais de suas virtudes. **Diário de Notícias**. Coluna A Mulher do Lar e da Sociedade. Ribeirão Preto. 04 de fevereiro de 1962.

estética feminina e, caso elas não adotassem tais orientações, poderiam ser consideradas “coquetes” e ridicularizadas (FRANÇA, 2013, p. 144).

Por meio da análise do DN, percebe-se que seu corpo editorial tinha a preocupação de reforçar discursos hegemônicos com relação à mulher, embora defendesse a progressiva participação feminina na sociedade e sua luta por direitos. Fica impresso a valorização da família e do casamento. Nas palavras de França (2013), essa estratégia em manter certos atributos à mulher como “esposa, mãe e dona-de-casa”, ao mesmo tempo em que destacava novos valores sociais, como a participação política e ofertas de trabalho, criava um diálogo constante entre o público conservador e aqueles que aceitavam mais facilmente as transformações na sociedade.

“A Notícia” e o espaço feminino

Inserido também na produção jornalística interiorana está nosso segundo objeto de estudo: “A Notícia”. Fundado em 1924, o “A Notícia” chega aos anos 1950 – período aqui analisado – completando 26 anos de circulação em São José do Rio Preto e região. Leonardo Gomes, que está à frente do periódico desde 1936, é apresentado como diretor-proprietário. O noticiário da folha rio-pretense abarca informações internacionais, nacionais, regionais e locais, com destaque para a tendência ao localismo e à proximidade. O viés regionalista é destacado pelo slogan: “Diário matutino da Araraquarense”. Seu temário, durante a década, é variado e envolve assuntos ligados à política, esportes e cidade.

O universo feminino reflete-se no periódico de dois modos: temos, de um lado, conteúdos voltados para as mulheres, que retratam, por exemplo, o cuidado do lar e dos filhos, questões de beleza, textos escritos muitas vezes por homens e, de outro, vemos a problematização de temas ligados ao universo feminino tais como a inserção o assédio físico e moral e o divórcio, com a participação ativa da mulher enquanto autora de notícias, colunas e seções.

Chiquinha S. Domingues, Noemia Cobra Leite, Sinhá Carneiro – codinome – e Daisy Lirola atuam em “A Notícia” como colaboradoras, assinando colunas e artigos.

Destacamos, por sua recorrência e pela variedade de abordagens temáticas, as participações de Chiquinha Domingues e Noemia Cobra.

Escritora e cantora, Francisca Spinelli Domingues, Chiquinha, nasceu em 13/12/1903 na cidade de Piracicaba, São Paulo. Chiquinha foi autora dos livros "Começou Assim", em 1961; "Os Desajustados", em 1968; "Terminou a Primavera", em 1977. Como cronista atuou, além de "A Notícia", nos jornais O Estado de S. Paulo, Correio da Araraquarense e Dia e Noite. Entre seus feitos está a criação da Bandeira da Alfabetização, movimento em favor da educação iniciado por ela em Rio Preto e que ganhou as cidades do Estado de São Paulo em 1940. Uma curiosidade: Chiquinha foi a primeira mulher a obter carteira de motorista em São Paulo (ARANTES, 2009).

Professora, escritora e poetisa, Noemia Cobra Leite é natural de Mococa, São Paulo. Foi diretora do Departamento de Teatro da Casa de Cultura em 1946. Na imprensa, foi autora de artigos e poesias publicados em jornais de São José do Rio Preto, São Paulo, São Carlos, Jaboticabal, Barretos, Poços de Caldas, Limeira, Sorocaba e Marília. Em 2001, vinte anos após sua morte, foi eleita entre "As 100 Mulheres Rio-pretenses do Século XX" (ARANTES, 2009).

Os textos de Chiquinha e Noemia traziam, além dos temas femininos, discussões em torno da vida cidadina, da política¹⁰, das artes¹¹, entre outros. Chiquinha Domingues também assina, durante o período, a coluna "Relatos dominicais". A coluna traz textos trabalhados como artigos, crônicas e relatos pessoais, abordando desde discussões em torno do dia-a-dia citadino até relatos de vivências e viagens da autora.

Abordando questões como o cuidado do lar, dos filhos e da beleza temos as colunas "Conselhos de Beleza", assinada por Dr. Pires e "Como cuidar do bebê", assinada por Sinhá Carneiro. A primeira trata de assuntos gerais ligados à saúde e à beleza, sendo dirigida tanto aos homens quanto às mulheres. Por outro lado, notamos que as temáticas abordadas, em sua maioria, privilegiam o universo feminino. Aqui encontramos normatizações em torno da saúde e da beleza. A segunda coluna aborda o

¹⁰ Como exemplos destacamos: Noemia Cobra Leite. **Aos meus patrícios**. A Notícia. 21/10/1951. P. 05; Chiquinha S. Domingues. **Impressões sobre nosso pleito**. A Notícia. 19/10/1951. P.01.

¹¹ Como exemplo destacamos: Chiquinha S. Domingues. **O Concerto de Eunice S. Lima**. 08/04/1952. P.01.

cuidado com os bebês. Destinada ao público feminino a coluna traz dicas e comentários para as mães. Entre as temáticas destacamos: alimentação e higiene do bebê; formação da personalidade do bebê; paciência como virtude; etc.

Uma das edições da coluna “Como cuidar do bebê”, publicada em setembro de 1951, chama-nos atenção pelo posicionamento da autora em relação à importância da manutenção da individualidade da mulher ao tornar-se mãe e lidar com as atribuições dos papéis domésticos:

Mesmo que a mamãe não esteja sobrecarregada de afazeres domésticos é justo que ela tenha um pouco de tempo para si mesma. Por isso, é importante ensinar à criança a boa qualidade da independência.

(...) Permita que seu filho tome iniciativas. As crianças normais sentem grande satisfação em suas próprias iniciativas e amizades e, espontaneamente, proporcionarão a sua mãe muitos intervalos de merecida liberdade. E isso só pode ser benéfico tanto para um como para outro¹².

Ligada à problematização do universo feminino temos, em “A Notícia”, a publicação de artigos e crônicas. Destacamos, aqui, duas temáticas: a questão do assédio físico e moral e o divórcio.

Em torno do debate do assédio físico e moral relacionado à mulher, temos, em “A Notícia”, o artigo “Essa mulher que passa...”, assinado por Daisy Lirola. A autora destaca as “várias roupagens” da maldade humana, apontando que “E de tudo isso, a maior vítima é a mulher”. Do texto de Lirola destacamos o trecho a seguir:

Não há moça que tenha passado a vida, sem ter ouvido de indivíduos inescrupulosos, aquelas exclamações ofensivas que traduzem esse mal estar da família atual. Cada mulher tem seu rosário de repulsa, mal contendo as lágrimas, quando é alvo dessas pilhérias tão comuns nas ruas e nas esquinas. Deus salve a mulher da sanha dessas piranhas vorazes da sociedade, que parecem usar todos os artifícios para diminuir cada vez mais o que há de mais

¹² Sinhá Carneiro. **Como cuidar do bebê**. A Notícia. 09/09/1951. P.2.

sublime e mais fácil de respeitar com dignidade – ESSA MULHER QUE PASSA¹³.

No trecho acima Daisy Lirola relata experiências femininas ligadas ao assédio físico e moral vivenciado, quase que diariamente, por suas contemporâneas. A autora faz dura crítica aos “indivíduos inescrupulosos” que proferem exclamações ofensivas contra moças e senhoras e chama a atenção para a necessidade de respeitar “essa mulher que passa”. Daisy, ao refletir pelas páginas do “A Notícia” a causa feminina, procura fazer-se ler, busca alcançar a dignidade para a mulher transeunte e, sobretudo, levanta discussões importantes para o dia-a-dia das mulheres dos anos 1950.

A questão do divórcio, por sua vez, pode ser exemplificada pelos artigos “Divórcio” e “Ainda sobre o divórcio, publicados em agosto e setembro de 1951.

(...) Julgo que a Igreja Romana, à qual pertence a quase totalidade da nossa gente, não deverá mandar que seus ministros excomunguem os que querem um viver honesto e de responsabilidade, e, sim, deveria ter, desde antanho, desde um passado longínquo, um passado que se perde na noite dos tempos e tem vindo até nossos dias, excomungado todos aqueles que, não respeitando o tálamo conjugal, tivessem abusado do seu “direito” de homens semeando filhos, como dizem... naturais, a torto e a direito por esse mundo afora, bem como os que, sendo casados, viviam em mancebias. Isso sim, é que seria cultivar a indissolubilidade dos laços matrimoniais, mas, já que a igreja tem feito vistas largas sobre tal perjúrio, deverá agora ao menos coerente e respeitar a vontade e o direito daqueles que, tendo fracassado numa primeira tentativa matrimonial em que puseram toda a esperança de constituir um lar feliz e digno, pretendem tentar novamente dentro da Lei, dentro da Honestidade, e, mesmo, da Religião¹⁴.

Divórcio – uma palavra apenas, uma simples palavra, foi o bastante para deixar em polvorosa toda a nossa gente “granfa”, a nossa gente que bate no peito e se vangloria de sua fé, de sua honradez, de sua probidade!

Por que tal celeuma? – por quê? Não é por haver cirurgiões que alguém se lembrará, por seu próprio Gaudio, de mandar decepar as pernas; nem tão pouco pelo simples fato de existirem cadeias é que alguém se disporá a tomarem-nas como habitação por sua livre e espontânea vontade.

¹³ Daisy Lirola. “Essa mulher que passa...”. A Notícia, 12/09/1954, p.5.

¹⁴ Noemia Cobra Leite. **Divórcio**. A Notícia. 30/08/1951. P.04.

Não e não! Portanto, o mesmo se terá de dar coma lei do divórcio, e não será pelo fato de ela se ter tornado uma realidade que todo mundo quererá a ela recorrer, para dela se servir, como se, se tratasse de um coquetel qualquer¹⁵.

Em ambos os trechos vemos o posicionamento favorável à causa do divórcio. A autora destaca, no trecho retirado do artigo “Divórcio”, a contradição das ações realizadas pela Igreja Católica, e pede coerência e respeito àqueles que pretendem tentar um segundo matrimônio. No segundo trecho, intitulado “Ainda sobre o divórcio”, Noemia levanta, em linguagem despojada, o debate em torno do “problema” ocasionado pela lei do divórcio. A autora afirma, categoricamente, que a existência da lei não levará a sua utilização sem que haja necessidade.

A análise do AN, no que se refere à representação e à participação da mulher, indicou, por um lado, a existência de conteúdos voltados para as mulheres, ligados a uma visão tradicional do universo feminino, tal como observado no “Diário de Notícias”; por outro, mostrou a participação significativa de mulheres rio-pretenses no corpo editorial, atuando como colaboradoras do veículo durante toda a década de 1950. Os textos escritos por mulheres abordaram desde questões do cotidiano até política, passando, principalmente, por discussões em torno do universo feminino, suas lutas e causas.

Considerações Finais

Ao analisar a produção jornalística do “Diário de Notícias”, de Ribeirão Preto, e do “A Notícia”, de São José do Rio Preto, atentando-nos para a representação e participação da mulher nesses impressos observamos que, a princípio, sobressai o discurso voltado para a visão tradicional do universo feminino, abordando temas ligados à beleza, moda, cuidados com o lar e filhos. Nota-se, no DN, que o corpo editorial tinha como preocupação reforçar discursos hegemônicos com relação à mulher, mantendo como seus atributos ser “esposa, mãe e dona-de-casa” (FRANÇA, 2013). Em AN esse discurso também aparece, revelando-se, sobretudo, em colunas como “Conselhos de

¹⁵ Noemia Cobra Leite. **Ainda sobre a lei do divórcio**. 04/09/1951. P.04.

Beleza”, assinada por Dr. Pires. Tal característica vai de encontro ao exposto por Correa (2008) e Buitoni (1986) ao tratar dos temas abordados pela imprensa feminina a partir dos anos 1950.

Por outro lado, destaca-se, tanto no DN, quanto em AN, à defesa pela progressiva participação feminina na sociedade e sua luta por direitos. Embora o “Diário de Notícias” se configure pelo discurso conservador, o jornal destaca, ao mesmo tempo, os novos valores sociais. O “A Notícia”, por sua vez, na contramão do que era praticado pela imprensa tradicional, que torcia o nariz para a participação feminina (RIBEIRO, 1988), privilegia a atuação de mulheres em seu quadro de colaboradores, inclusive, abrindo espaço para as discussões e lutas das mulheres dos anos 1950.

Referências Bibliográficas

- ARANTES, A. **Quem Faz História em São José do Rio Preto**. 2ª edição. THS Editora, 2009.
- BELTRÃO, L. O jornalismo interiorano a serviço das comunidades. In: ASSIS, F. (Org). **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013.
- BUITONI, D. S. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.
- CAMPONEZ, C. **Jornalismo de Proximidade**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.
- CASADEI, E. B. A inserção das mulheres no jornalismo e na imprensa alternativa: primeiras experiências no final do século XX. In: **Revista Alteior**. V. 1. N. 3. São Paulo, 2011.
- COLUSSI, J. **Jornalismo regional e construção da cidadania: O caso da Folha da Região de Araçatuba**. Dissertação de Mestrado, FAAC- Bauru, 2005.
- CORREA, T. S. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, A. L. & LUCA, T. R. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COVERT, C. Journalism History and Women’s Experience: a problem in a conceptual change. In: **Journalism History**. V. 8. N. 1. 1981.

FRANÇA, J. L. **Mulheres, Imprensa e Sociedade em Ribeirão Preto (1930-1940)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. 2013.

LOPES, D. F.; COELHO SOBRINHO, J.; PROENÇA, J. L. (Orgs). **A evolução do jornalismo em São Paulo**. São Paulo: Edicon: ECA/USP, 2a. ed, 1998.

MUZART, Z. L. Uma espiada na imprensa das mulheres do século XIX. In: **Revista Estudos Feministas**. V. 11. N. 1. Florianópolis, 2003.

RIBEIRO, A. P. G. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

RIBEIRO, J. H. **Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROCHA, P. M. Mulher jornalista: relações familiares e profissionais. In: **Comunicación e Ciudadanía**. N. 1. 2007.

SANT'ANA, A. M. **Imprensa, Educação e Sociedade no interior paulista: Ribeirão Preto (1948-1959)**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) UNESP, Araraquara: 2010.

SANTOS, J. A. H. & PEGORARO, E. Ser mulher é... As percepções do mundo feminino na Revista “Panorama” (1950). In: **Anais do Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História**. LHAG/UNICENTRO, 2013.

SILVEIRINHA, M. J. As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística: contributos para uma não-ossificação da História do Jornalismo. In: **Revista Comunicação & Sociedade**. V. 21. 2012.